



Auguste De St. Laurent

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

(1779 — 1853)

AUGUSTIN François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire, mais conhecido por *Auguste de Saint-Hilaire*, chegou ao Rio de Janeiro a 1º de Junho de 1816, com o Duque de Luxemburgo, a quem solicitara permissão para acompanhá-lo ao Brasil.

Com a vinda da Família Real, o Brasil passou a ter, no domínio da *História Natural*, a sua época áurea, no dizer de A. d'E. Taunay e, aos nomes de Langsdorff, Príncipe Wied-Neuwied, etc., juntava-se então a figura do grande botânico francês

Saint-Hilaire, antes de fazer esta viagem, passara alguns anos no norte da Alemanha onde, através da obra de Goethe, teve as primeiras noções de morfologia vegetal; de regresso à França, é que se pôs a estudar com interesse a Botânica, tendo em Paris por mestres A. L. de Jussieu, L. Claude Richard e Desfontaines

Professor no Jardim du Roy — mais tarde transformado no Museu de História Natural de Paris — viera *Saint-Hilaire* com o intuito de fazer o estudo dos produtos vegetais do Brasil. Durante os seis anos de sua permanência entre nós, dedicou-se a estudos não exclusivamente botânicos; além de compor bela coleção de plantas (6 a 7 mil espécies), colheu também apreciável número de espécimes animais e minerais, percorrendo grande parte do território brasileiro, da Província do Espírito Santo, à do Rio Grande do Sul, Minas e Goiaz, sem contar a excursão realizada à Cisplatina

Nas suas viagens, soube apreciar harmoniosamente a variedade de aspectos de nossa terra, sendo, talvez, dentre os ilustres visitantes da época, o que nos fez melhor justiça. Associação feliz de homem bom e sábio, ao amigo dos nossos índios e julgador sereno dos homens e fatos do Brasil, aliviava-se o brilho do naturalista culto. É difícil assinalar-lhe todos os aspectos, mas, de um modo geral, pode-se distinguir dois *Saint-Hilaire*: o viajante saaz e descritivo, encontrado nas "Voyages dans l'intérieur du Brésil" e o botânico esclarecido e coordenador da "Flora Brasiliae Meridionalis".

O resultado científico das pesquisas botânicas de *Saint-Hilaire* no Brasil apresenta três cristalizações:

1 — "Plantas usuais dos brasileiros", (1824).

2 — "História das plantas mais notáveis do Brasil e do Paraguai", (1824)

3 — "Flora Brasiliae Meridionalis", (1825-32), em 3 vols., colaborada por A. de

Jussieu e J. Cambessèdes e, publicada sob proteção do Govêno Real de França

Além destas obras cumpre citar:

— "A Agricultura e a criação do gado nos Campos Gerais", (1849)

— "Viagens pelo interior do Brasil", (título geral), desdobradas em cinco par-

tes

A contribuição para a Botânica e Fitogeografia brasileiras dispensa referências. Não menos valioso é o subsídio para a Etnografia nacional, considerando-se os dados, contidos na sua obra, sobre os Botocudos, Coroados, Caiapós, Guaicurus e outros. Observou os hábitos e costumes da época sem entrar em apreciações chocantes; sua tendência para a geografia surge a cada passo, ora quando esboça uma divisão natural (como o faz para a Província de Minas), ora quando assinala os revestimentos vegetais das várias regiões que percorreu, ou ainda quando descreve com emoção as nascentes do maior rio totalmente brasileiro (o São Francisco). No domínio da geografia botânica, descrevendo o aspecto da flora em cada região explorada, fazia fitogeografia florística e também fitogeografia ecológica ao interpretar o complexo "meio físico-planta" no tocante a esta ou àquela espécie ou formação vegetativa

Não cessa aí, porém, a riqueza das suas observações. Dá-nos informes sobre clima, estatística, artes, comércio e agricultura; sobre toponímia e língua indígena; e valiosas indicações sobre os caminhos antigos, por ele seguidos. Por isso, e o diz muito bem A. J. Sampaio, a obra de *Saint-Hilaire* não deve ser tomada sob um único ponto de vista especial e sim encarada como um magnífico repositório de cousas e fatos de valor científico diverso

Suas jornadas, em ordem cronológica, assim se sucederam:

às províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais (de dezembro de 1816 a março de 1818);

às províncias de Rio de Janeiro e Espírito Santo (de agosto a novembro de 1818);

às de Rio de Janeiro, Minas, Goiaz, São Paulo, Santa Catarina, R. G. do Sul e Cisplatina (de janeiro de 1819 a agosto de 1821);

a Minas e São Paulo (de janeiro a maio de 1822);

voltando repetidas vezes ao Rio de Janeiro, pois que a Corte lhe servia de depósito às coleções organizadas em cada viagem

Se Martius, Spix, Eschwege e outros muito fizeram pelo melhor conhecimento da natureza e do homem do Brasil, *Saint-Hilaire*, abordando os mesmos temas, legou-nos muita coisa original! Percorrendo em seis anos cerca de 15 000 quilômetros, assemelha-se a um bandeirante que, se encontrou alguns caminhos prontos, teve o privilégio de escrever com maestria o que viu, sentiu e aprendeu no grande Brasil desconhecido, concorrendo ao mesmo tempo para que o nome de nossa Pátria — ainda obscuro naquele tempo — se tornasse mais familiar aos centros científicos do Globo. Aí reside, para nós, o mérito maior de *Saint-Hilaire*

Pouco depois de regressar da segunda viagem a Minas e São Paulo (1822), no período agitado que precedeu à nossa Independência, embarcou para a França, onde continuou a sua intensa atividade científica

Em 1830, sucedeu ao grande Lamarck como membro efetivo da Academia de Ciências de Paris, da qual já era correspondente desde 1819. Mais tarde, foi nomeado professor de *Organografia Vegetal* na Sorbonne, enfeitando as lições aí ministradas, no volume "Leçons de Botanique", (1840)

Cavaleiro da Legião de Honra, pertenceu a inúmeros institutos científicos como a Sociedade Lineana de Londres, Sociedade de Ciências Físicas de Genebra, Sociedades Filomática e de História Natural de Paris, etc., sendo, no Brasil, membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Grande amigo do Brasil, *Saint-Hilaire* muito contribuiu, com a sua farta e substanciosa obra, para o melhor conhecimento do território brasileiro, quer por seus filhos, quer pela Humanidade